Dia 10 — São Lourenço, Mártir

Se a Espanha se gloria de ter dado berço ao ilustre mártir São Lourenço; se a Itália faz gloriosa vaidade de ter sido o teatro de seu triunfo, também a França conta entre suas especiais honras a de reconhecê-lo por um de seus patronos e, entre seus mais estimáveis tesouros, a de possuir uma parte de suas preciosas relíquias.

Nasceu São Lourenço por meados do século III, em Huesca, cidade da Espanha, no reino de Aragão.

Seu pai chamou-se Orôncio e sua mãe Paciência; ambos zelosos e fervorosos cristãos, de piedade tão exemplar e até de virtude tão eminente que a Igreja de Huesca celebra solenemente sua festa no primeiro dia de maio, sendo nela sua memória de singular veneração. Pais tão virtuosos e tão santos necessariamente haviam de dar a seu filho a mais cristã educação. Correspondeu a ela Lourenço admiravelmente, tanto pela nobre beleza de sua índole como pela docilidade de seu gênio e por uma inclinação como que nativa a tudo o que era virtude. Os traços que mais o caracterizaram desde o berço foram a inocência de costumes e um sobressalente amor à pureza. Admirava-se desde logo nele um coração nobre, intrépido e generoso; mas, sobretudo, fazia-se universalmente distinguir aquele terno e aceso amor a Jesus Cristo, que coisa alguma foi capaz de entibiar ou diminuir. Animado do zelo da religião, resolveu desde os mais tenros anos empreender a viagem a Roma, considerando-a como o verdadeiro centro dela. Pouco tardaram em descobrir o mérito e a elevada virtude daquele jovem estrangeiro os fiéis da capital do mundo. Mas o que mais o sondou e admirou foi o pontífice São Sisto, que acabava de ser elevado à cátedra de São Pedro; e, encantado tanto como assombrado da inocência e dos raros talentos que reconheceu em nosso herói cristão, conferiu-lhe as ordens sagradas e com elas a dignidade de arcediago, como o afirmam Santo Agostinho e São Pedro Crisólogo, cargo que o constituía o primeiro dos diáconos da Igreja romana. Longe de engrandecê-lo a nova elevada dignidade, só serviu para torná-lo mais fervoroso, mais zeloso e mais humilde. Era ministério próprio do arcediago dar a comunhão ao povo quando o papa celebrava o divino sacrifício, e estava também a seu cargo a custódia do tesouro da Igreja, isto é, dos vasos sagrados, das vestiduras sacerdotais e dos cabedais destinados ao sustento dos ministros e ao socorro dos pobres. O primeiro pedia uma santidade sobressalente no ministro; e o segundo, uma prudência, uma vigilância superior e um desinteresse à prova de tudo, no tesouro.

Mal havia nosso santo começado a exercer, com aplauso universal, as funções de um e outro ministério quando se levantou contra a Igreja o fogo da perseguição mais horrível, sendo seu empenho nada menos que apagar do mundo até a memória do nome cristão, afogando-o no sangue dos fiéis.

O imperador Valeriano, que no conceito dos gentios estava reputado por um príncipe humano, afável e benigno, alcançou igual reputação no dos cristãos nos princípios de seu império. Nenhum de seus predecessores os havia tratado com tanta benignidade; em público e em particular mostrava-lhes sempre o maior agrado; pelo que dentro de sua mesma casa imperial se contava tão grande número de servos de Deus que mais parecia igreja que palácio. Mas, tendo sido tão extraordinária a bondade com que então os tratou, não foi menos violenta a perseguição com que os afligiu depois. Nasceu esta mudança de Macriano, que, desde o mais baixo e abatido nascimento, ascendeu aos primeiros cargos do império, fazendo escada para eles dos mais enormes delitos; e, aspirando sua ambição à própria dignidade imperial, fez pacto com o demônio, que lhe prometeu o império contanto que exterminasse do mundo toda a nação dos cristãos. Apoderado inteiramente Macriano da graça e do conceito do imperador, persuadiu-o a que mudasse de conduta para com eles; e, por sugestão sua, no ano de 258 publicou o príncipe aquele cruel edito em que, sem remissão nem dilação, condenava à morte todos os bispos, presbíteros e diáconos, não lhes deixando a opção que permitia aos demais cristãos de resgatar a vida à custa de sua fé.

Deu-se princípio à execução pelas cabeças; e, lançando mão do papa São Sisto, foi conduzido, carregado de ferros e de cadeias, ao cárcere Mamertino. Mal chegou aos ouvidos de Lourenço a prisão do santo papa, correu ofegante ao cárcere, resolvido a não separar-se dele nos suplícios, como quem suspirava ansiosamente pela coroa do martírio. Não tardou muito em encontrá-lo; e, mal o divisou ao longe, mas a distância em que pudesse ser ouvido, começou, como diz Santo Ambrósio, a clamar desta maneira: «Que é isto, pai santo? Como vais oferecer o sacrifício sem que te faça companhia teu diácono, o qual nunca se separa de teu lado quando te aproximas do altar? Acaso desconfias de minha fé? Tens pouca satisfação de meu valor? Eia, faze experiência dele, e ela te acreditará se sou ou não sou digno do sagrado ministério com que me honrou tua bondade. O diácono jamais deve desviar-se do lado do pontífice: pois por que me deixas órfão e desamparado? É justo que o filho faça companhia a seu pai, e não é razão que a ovelha se afaste de seu pastor.»

Enternecido São Sisto ao ouvir os fervorosos afetos de seu diácono: «Consola-te, filho meu (respondeu-lhe), que logo cumprirá o céu teus acesos desejos; para maior triunfo te reservam seus amorosos destinos. Vai e, sem perder tempo, distribui aos pobres os tesouros que se confiaram a teu cuidado, e previne-te para receber a coroa do martírio.» Estas últimas palavras encheram de gozo e de consolação o coração de nosso santo, que ardia em vivas ânsias de derramar seu sangue por amor de Jesus Cristo. Não se deteve nem um só momento; partiu logo; entregou aos fiéis os ornamentos e vasos sagrados; recolheu todo o dinheiro que estava destinado ao socorro dos pobres; encaminha-se àqueles lugares de Roma onde estavam ocultos os cristãos; percorre todas as grutas e lugares subterrâneos, para repartir entre eles as esmolas. E, sabendo que muitos presbíteros e muitos fiéis se haviam refugiado na casa de uma santa viúva chamada Ciríaca, no monte Célio, passou a ela, já entrada a noite, lavou os pés aos ministros do altar e distribuiu entre os pobres a quantia de dinheiro. Dali transferiu-se à casa de um fervoroso cristão por nome Narciso, onde estavam recolhidos muitos pobres; socorreu-os e restituiu a vista a Crescenciano, que muitos anos antes a havia perdido. Dirigiu-se depois à gruta de Nepociano, onde estavam escondidos sessenta e três cristãos; fez o mesmo com eles que com os outros; socorreu suas necessidades; e, tendo-os exortado à paciência e à constância na fé, acabou de repartir entre os

pobres todo o dinheiro que tinha.

Passou toda a noite nestes exercícios de caridade e, no dia seguinte, foi à porta do cárcere, para lograr a consolação de ver pela última vez o santo papa, que estava sentenciado a ser degolado naquele mesmo dia. Foi tirado o santo ancião para o suplício e, quando o levavam a ele, lançou-se a seus pés Lourenço e, desfazendo-se em lágrimas, disse-lhe que já ficavam em boas mãos os tesouros da Igreja que lhe havia encomendado e que, nesta suposição, nada lhe restava fazer senão servir-lhe de ministro no sacrifício de sua vida, que ia oferecer ao Senhor. Procurou São Sisto consolá-lo, prognosticando-lhe que em menos de três dias teria parte na mesma coroa, e acrescentou-lhe: «Atendendo Deus à fraqueza de minha idade, só me expõe a tormentos leves; mas a ti, filho meu, reserva uma assinalada vitória, que tornará célebre no mundo o teu martírio.»

E foi assim que, como os soldados ouvissem Lourenço falar de tesouros, deram conta ao imperador, figurando-lhe que aquele jovem diácono era dono de imensas e preciosíssimas riquezas. Não foi preciso mais para que Valeriano mandasse lançar mão dele, estimulado da cobiça dos imaginados tesouros, não menos que de sua insaciável sede de sangue de cristãos. Correspondeu o gozo de nosso santo ao ardor de seus desejos. Apresentou-se diante do príncipe, na verdade com modéstia e com respeito, mas ao mesmo tempo com certo desembaraço e certa intrepidez pouco acostumada. Logo foi examinado sobre sua profissão e respondeu com desenvoltura que era cristão e diácono da Igreja romana. Voltou-se-lhe a perguntar onde tinha os tesouros que lhe haviam sido confiados; ao que prontamente satisfez, dizendo que, se lhe dessem tempo, os recolheria e os poria todos à vista. Concedeu-se-lhe um dia de prazo; e, convocando todos os pobres que pôde juntar, pôs-se à frente daquela andrajosa multidão, compareceu com ela perante o tribunal do imperador e disse-lhe com o maior respeito que, obedecendo, como devia, suas imperiais ordens, apresentava a Sua Majestade imperial as principais riquezas dos cristãos e os verdadeiros depositários dos tesouros da Igreja. Não esperava o príncipe esta arenga; e, reputando-a por insulto à majestade, resolveu castigar o temerário arrojo de Lourenço com os maiores suplícios que pudesse inventar o furor. Deu princípio mandando que o despedaçassem a açoites como o mais vil de todos os escravos. Mandou depois que trouxessem à sua presença todos os instrumentos que serviam para atormentar os mártires e, fazendo que nosso santo os reconhecesse, disse-lhe: «Uma de duas: ou resolve-te a sacrificar imediatamente a nossos deuses, ou dispõe-te a padecer tu só muito mais do que padeceram até aqui todos juntos quantos professaram tua infame seita.» «Vossos deuses, Senhor (respondeu Lourenço), nem sequer merecem aquelas vãs honras que se tributam aos homens; e vós quereis que eu lhes renda adoração? Pouca força fazem esses instrumentos de crueldade a quem não teme os tormentos; e espero na graça de meu Salvador Jesus Cristo que a mesma intrepidez com que os tolerarei será a melhor prova do que pode aquele único e verdadeiro Deus a quem adoro.» Ficou cortado o imperador ao ouvir esta animosa resposta e perdeu toda a esperança de tirar partido algum do santo diácono. Mas, não querendo dar-se por vencido, ordenou que o restituíssem ao cárcere, encarregando sua custódia a Hipólito, um dos principais oficiais de sua guarda; em cujo ânimo já tinham feito muita impressão as palavras e a modéstia de Lourenço, e acabaram de convertê-lo os milagres que obrou na mesma prisão; pois mal se deixou ver nela quando todos os confessores de Cristo que a ocupavam se lançaram a seus pés; e um deles, chamado Lucílio, que muitos anos antes havia perdido a vista, recobrou-a milagrosamente, tomando a mão do santo e aplicando-a a seus olhos. Foi Hipólito testemunha desta maravilha; pediu o batismo; e não foi esta a única

conquista de Lourenço durante seu valoroso combate.

Logo que amanheceu o dia seguinte, recebeu o prefeito da cidade uma ordem do imperador em que se lhe mandava fazer comparecer Lourenço diante de seu tribunal e que não poupasse meio algum para obrigá-lo a oferecer sacrifício a Júpiter; mas que, se não se rendesse, lhe tirasse a vida com tais e tão estranhos tormentos que jamais se houvessem praticado nos tribunais. Executou-se a ordem com a maior pontualidade; compareceu o santo; empregaram-se afagos, promessas e ameaças para pervertê-lo, mas sem outro fruto que o de proporcionar-lhe ocasião para dar maiores provas de sua fé e de sua constância. Então só se pensou já em inventar novos tormentos e em acrescentar desumanos primores à ordinária crueldade dos suplícios. Estenderam-no no potro e, depois de lhe terem deslocado os ossos, despedaçaram-lhe as carnes com escorpiões; eram uns ramais que terminavam em bolas de chumbo, cobertas de umas malhas de ferro e armadas estas de pontas aceradas e encurvadas em figura de agudos ganchos. Pensou o santo expirar neste cruel tormento; mas ouviu uma voz do céu que dizia que Deus o reservava para mais gloriosa vitória, conseguida à força de novos e dificultosos combates. Assegura-se que esta milagrosa voz foi ouvida por todos os circunstantes e que o prefeito de Roma, para desvanecer a impressão que podia fazer neles, exclamou: «Vede, romanos, como os demônios vêm em socorro deste mago, que não teme os deuses do céu nem os príncipes da terra; mas veremos se seus encantos são superiores ao rigor dos tormentos.» Ficou Lourenço maravilhosamente confortado e consolado com esta celestial voz; e foi então que Romano, soldado da guarda do imperador, viu com os olhos corporais um anjo, em figura de um garboso e formosíssimo mancebo, que enxugava com um lenço o suor do rosto e o sangue que corria das feridas do santo mártir; visão que acabou de convertê-lo, transformando-se em soldado de Jesus Cristo, como se disse em sua vida.

Sobreviveu nosso santo a este cruel tormento para que o triunfo da fé se comunicasse a muitos outros. Ouvia-se-lhe prorromper incessantemente em bênçãos e em louvores do Senhor, sendo o assombro e a admiração dos próprios pagãos o gozo que brilhava em seu semblante. Mandou o prefeito que pela segunda vez comparecesse em seu tribunal e pela segunda vez o examinou acerca de sua pátria, de sua religião e de seu tenor de vida. «Sou espanhol de nascimento e de origem (respondeu o santo); mas passei em Roma quase toda a minha juventude. Desde o berço tive a dita de ser cristão, e minha educação foi o estudo das divinas leis.» «Cala-te, insolente (replicou o prefeito); chamas estudo das divinas leis o que te ensina a menosprezar os deuses imortais?» «E, ainda porque conheço bem esta lei divina (prosseguiu Lourenço), olho com tanto menosprezo a vaidade dos ídolos; porque a razão natural reprova essa ímpia e extravagante multidão de deuses.» Não se lhe deu permissão para prosseguir; e, arrebatado o juiz de cólera e de sanha, acrescentou: «Tu passarás esta noite num gênero de tormento que seguramente te fará mudar de opinião e de linguagem.» «Não o creias (respondeu Lourenço): teus tormentos são todas as minhas delícias; e a terrível noite com que me ameaças, espero que há de ser para mim a mais clara e mais alegre de toda a minha vida.» Não pôde tolerar o tirano aquela generosa intrepidez e mandou que com grandes pedras lhe moessem as queixadas. Encheu o Senhor seu servo de dulcíssimas consolações; e, noticioso o imperador de tudo o que se passava, mandou que o tostassem a fogo lento.

Estenderam em seguida a Lourenço numa espécie de leito ou de grelhas de ferro acesas e rubras, como saem da forja; debaixo delas estenderam uma cama de brasas, que de quando em quando

iam fomentando com carvões, governando-a com tal economia que o corpo se fosse tostando pouco a pouco, para que fosse mais viva e mais prolongada a dor. Estava Lourenço naquela cama de fogo com tanta serenidade, com tanto desembaraço, com tanta alegria e com tão heroica constância que, assombrados muitos dos circunstantes, se converteram à fé, e entre eles não poucas pessoas de distinção, reconhecendo naquele valor uma força muito superior à humana. E o poeta Prudêncio, que escreveu em verso o triunfo de nosso santo, testemunha que os neófitos, isto é, os cristãos recém-batizados, viram rodeado seu semblante de um extraordinário resplendor e perceberam um suavíssimo odor que exalava seu corpo tostado.

Em meio a tão cruel e bárbaro suplício, era tão grande, à vista do céu, a tranquilidade do santo mártir, tanto o gozo que sentia seu espírito de padecer por amor de Jesus Cristo que, quando lhe pareceu estar já bem tostado de um lado, voltando-se ao prefeito, lhe disse sorrindo, com certo ar de alegria: «Deste lado já estou no ponto; podes mandar, se te parece, que me tostem do outro»; e, levantando depois os olhos ao céu, inundada sua alma em consolações celestiais, entregou docemente seu espírito nas mãos do Criador, ficando tão atônitos os assistentes que não puderam dissimular sua admiração e seu pasmo. Consumou seu ilustre martírio este grande santo no dia 10 de agosto do ano 258. Recolheram secretamente seu corpo Hipólito e o presbítero Justino e o enterraram numa gruta do campo Verano, caminho de Tívoli, no mesmo lugar onde com o tempo se erigiu em seu nome uma célebre igreja, cuja fundação se atribui a Constantino, o Grande, e cuja ampliação ao papa Pelágio I, sendo uma das sete patriarcais e uma das sete principais estações de Roma. Edificou-se depois outra em honra do mesmo, que consagrou o papa São Dâmaso.

Tornou-se tão célebre seu sepulcro, pelo grande número de milagres que Deus obrou nele para glorificar a São Lourenço, que exclama Santo Agostinho: «Quem jamais pediu coisa alguma diante de seu sepulcro que não a haja conseguido?» São Leão Magno é de parecer que o martírio de São Lourenço não foi menos glorioso à Igreja de Roma que o de Santo Estêvão à de Jerusalém, acrescentando que desde o oriente do sol até seu ocaso ressoa a glória destes dois ilustres levitas. Na verdade, tanta multidão de templos e de outros magníficos monumentos em honra de São Lourenço, como se encontram espalhados por todo o universo, são autênticos testemunhos de sua elevada glória; e os inumeráveis favores que dispensa o céu em toda parte por sua poderosa intercessão fomentam a geral veneração que todos os fiéis professam a este grande santo.

Conservam-se em Roma, além da maior parte de seu santo corpo, todos os instrumentos com que foi martirizado. Mostra-se uma parte das grelhas em que foi tostado e uma grande pedra de mármore, tingida ainda de seu preciosíssimo sangue, sobre a qual estenderam o santo corpo depois que consumou seu martírio. Em outras igrejas de Roma mostra-se a cinza e alguns dos carvões que serviram para tostá-lo. Também a França se gloria enriquecida com parte de seus ossos e com alguns dos instrumentos que concorreram para seu triunfo, como se vê no tesouro de São Dionísio e na igreja de São Vicente de Mons, em que se manifestam vários fragmentos das grelhas. Na igreja de São Martinho de Lyon expõe-se à pública veneração parte de seu braço, coberto ainda da pele tostada; em Le Puy, um de seus ossos; e em toda parte se experimentam os efeitos do que São Lourenço pode junto a Deus em favor dos que fervorosamente o invocam. Mal há santo padre que não tenha feito magníficos elogios de São Lourenço; e a seu martírio, principalmente, atribui o poeta Prudêncio a inteira conversão da cidade de Roma.

Nota do tradutor

«O monumento mais magnífico em honra de São Lourenço que se conhece em todo o orbe cristão é, sem disputa, o suntuoso templo e mosteiro de São Lourenço, o Real, do Escorial. Erigiu-o todo o poder e toda a magnanimidade de Filipe II, em memória e em reconhecimento da famosa jornada de São Quintino, que coincidiu com o dia do santo levita, tão funesta para os franceses como gloriosa para os espanhóis. Por que não faria menção nosso autor de tão célebre monumento, que tanto contribui para a glória acidental de nosso santo? Seria esquecimento? Bem pôde sê-lo; mas, se porventura foi prudência, a mesma razão que num autor francês acreditou este silêncio de discrição o culparia de ingratidão num tradutor espanhol.»

Martirológio Romano

Em Roma, no caminho de Tívoli, a festa de São Lourenço, diácono, o qual, depois de ter padecido, durante a perseguição de Valeriano, os diferentes tormentos do cárcere, de muitas espécies de açoites, de agudas pontas aceradas, de paus e de chumbadas e de facas candentes, consumou por fim seu martírio tostado numa grelha. Seu corpo foi enterrado por São Hipólito e pelo presbítero Justino no cemitério de Ciríaca, no campo Verano.

Também em Roma, o suplício de cento e sessenta e cinco soldados, mártires do imperador Aureliano.

Em Bérgamo, Santa Astéria, virgem e mártir, durante a perseguição dos imperadores Diocleciano e Maximiano.

Em Alexandria, a comemoração dos santos mártires que, na perseguição de Valeriano, atormentados com diferentes e acerbos tormentos sob o presidente Emiliano, adquiriram a coroa do martírio, lavrada com diferentes gêneros de morte.

Em Cartago, Santa Basa, Santa Paula e Santa Agatônica, virgens e mártires.

Em Roma, São Deusdedit, confessor, que dava aos pobres, no sábado, o que havia ganho na semana com o trabalho de suas mãos.

Em Metz, São Autor, bispo, cujo corpo se venera em Marmoutier.

Em Auxerre, São Hugo de Semur, bispo, que havia sido abade de São Germano.

Em Carcassona, o venerável Guido, cisterciense, abade de Vaux-de-Cernay, diocese de Paris, que trabalhou com infatigável zelo na conversão dos albigenses.

Na Etiópia, os santos mártires Jacó, João e Abraão.

No dito lugar, Santo Anteu, confessor.

Ali também, São Acrates.

Na ilha de Bute, uma das Hébridas, nas costas da Escócia, São Blaan, confessor.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da nobis, quæsumus, omnipotens Deus, vitiorum nostrorum flammas exstinguere, qui beato Laurentio tribuisti tormentorum suorum incendia superare. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que se apaguem em nós as chamas de nossos vícios, vós que concedestes ao bem-aventurado São Lourenço vencer o fogo de seus tormentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 9 da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 9,6-10

> **Latim:** 6 Hoc autem dico : qui parce seminat, parce et metet : et qui seminat in benedictionibus, de benedictionibus et metet. 7 Unusquisque, prout destinavit in corde suo, non ex tristitia, aut ex necessitate : hilarem enim datorem diligit Deus. 8 Potens est autem Deus omnem gratiam abundare facere in vobis : ut in omnibus semper omnem sufficientiam habentes, abundetis in omne opus bonum, 9 sicut scriptum est : Dispersit, dedit pauperibus : justitia ejus manet in sæculum sæculi. 10 Qui autem administrat semen seminanti : et panem ad manducandum præstabit, et multiplicabit semen vestrum, et augebit incrementa frugum justitiæ vestræ :

Português: 6 E digo isto: Que aquelle, que semêa pouco, tambem segará pouco: e que aquelle, que semêa em abundancia, tambem segará em abundancia. 7 Cada hum como propoz no seu

coração, não com tristeza, nem como por força: porque Deos ama ao que dá com alegria. [8] E poderoso he Deos para fazer abundar em vós toda a graça: para que estando sempre abastados de tudo, abundeis para toda a obra boa, [9] assim como está escrito: Espalhou, deo aos pobres: a sua justiça dura para sempre dos sempre. [10] E o que subministra semente ao semeador, dará tambem pão para comer, e multiplicará a vossa semente, e augmentará os acrescentamentos dos frutos da vossa justiça:

Nota

«Sabendo São Paulo que a alguns fiéis de Corinto custava trabalho dar esmola, dá-lhes nesta epístola salutares instruções sobre o mérito desta virtude, ensinando-lhes o modo de praticá-la e a liberalidade com que se deve fazer, e lembrando-nos de que a esmola se faz ao próprio Jesus Cristo.»

Reflexões

Espalhou, distribuiu aos pobres, e sua justiça permanece pelos séculos dos séculos. Este é o título mais bem fundado, o menos disputável, do verdadeiro mérito e, pode-se acrescentar, da verdadeira grandeza. Aquele grande Deus, soberano dono de todos os bens do mundo, distribui-os com a maior sabedoria. Não sem altíssima providência, e não sem elevados fins dignos de sua infinita bondade, dispõe que uns nasçam cercados de abundância e outros rodeados de miséria. Nem é, nem nunca foi efeito do acaso a diferença das condições; a sua providência nada se esconde, e nada nasce sem fim e sem desígnio. Não creias que Deus se esqueceu dos pobres quando não os fez ricos; cuidado teve de prover a suas necessidades. Esse rico não tinha mais direito aos bens que possui que o pobre que deles carece. Fez Deus com os homens, quanto aos bens de fortuna, o mesmo que faz com a terra quanto à influência dos astros. Aos países frios proveu-os de bosques e de lenha; às terras duras e secas, de abundância de chuvas. Se há ricos no mundo, é precisamente porque nele havia de haver pobres. Para que pensas que Deus te fez rico? Para que tivesses com que cevar tuas paixões, tuas diversões e teus gostos, enquanto tantos outros, que não lhe são menos caros que tu, carecem das coisas mais necessárias à vida? Onde estaria, nesse caso, a sábia providência de nosso grande Deus? Sabe que só és rico para cuidar dos pobres. Sem isto, atrevo-me a dizer que o supremo árbitro e governador de todas as condições do mundo jamais te teria feito dono dos bens que possuis. Que pretendeu, pois, e que pretende com isto? Que vós, ricos, sejais os substitutos, os ministros e os cooperadores de sua providência a respeito dos pobres. Podia Deus prover imediatamente por si mesmo a suas necessidades; mas quis encarregar-vos desse cuidado: com esta precisa condição vos concedeu os bens de que gozais; sois como arrendatários de seus bens: deixa-vos livre a administração, o domínio e o usufruto; mas com o encargo de assistir os necessitados, e assim só os possuís a título oneroso. Do dito se infere que a esmola não é uma caridade pura e gratuita, visto que ao pobre se dá aquilo mesmo que se recebeu por ele, com estreita obrigação de empregá-lo em proveito seu. É, pois, um

título de justiça, contra o qual peca o rico que não tem caridade com o pobre. Pois quão grande será a obrigação daqueles cujas riquezas só se compõem das esmolas dos fiéis! Daqueles que precisamente os fazem mais ricos para que socorram a mais necessitados, e que não deixarão de ser ricos depois de terem repartido grandes riquezas entre os pobres! Quanto bem fariam dez ou doze mil libras distribuídas a cada ano entre os necessitados por alguns eclesiásticos que têm trinta ou quarenta mil de renda! Quantos se livrariam de um desespero! Quantas donzelas pobres, de mil perigos! Quantas famílias sitiadas pela fome seriam socorridas e tiradas dentre os braços da miséria! Não poucos poderiam repartir muito mais, sem ficar por isso pobres. Na verdade, sustentar-se-iam menos ociosos; não se gastaria tanto trem; seria menos esplêndida a mesa; mas seriam por isso menos respeitáveis, ou menos respeitados?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São João.

João 12,24-26

> **Latim:** 24 Amen, amen dico vobis, nisi granum frumenti cadens in terram, mortuum fuerit, 25 ipsum solum manet : si autem mortuum fuerit, multum fructum affert. Qui amat animam suam, perdet eam ; et qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam. 26 Si quis mihi ministrat, me sequatur, et ubi sum ego, illic et minister meus erit. Si quis mihi ministraverit, honorificabit eum Pater meus.

Português: 24 Em verdade, em verdade vos digo, que se o grão de trigo, que cahe na terra, não morrer, 25 fica elle só: mas se elle morrer, produz muito fruto. O que ama a sua vida, perdella-ha: e o que aborrece a sua vida neste mundo, conservalla-ha para a vida eterna. 26 Se alguem me serve, siga-me: e onde eu estiver, estará alli tambem o que me serve. Se alguem me servir, meu Pai o honrará.

Meditação

Da felicidade dos bons, ainda em meio às suas adversidades

Primeiro ponto

Considera que o homem é feliz na medida em que vive contente. De nada serve ser grande, ser poderoso, ser rico; de nada, viver como que nadando em diversões, enquanto o coração está submerso em amargura. Tudo o que está fora do homem poderá distraí-lo e diverti-lo; mas não poderá enchê-lo: sua felicidade consiste unicamente no contentamento e na tranquilidade do coração. Daqui nasce que nem sempre são os mais felizes aqueles que são os mais estimados, os mais aplaudidos, os que se chamam afortunados do mundo. Os desgostos, as inquietações e até os maiores trabalhos nascem até no próprio trono, penetrando no mais interior dos magníficos palácios. Nem sempre são os mais serenos os dias mais festivos. A verdadeira alegria é, por assim dizer, como a legítima, ou a herança particular, das almas santas; abre caminho por entre as mais densas névoas e sabe reinar até nos próprios cadafalsos. Boa prova disto foi São Lourenço. E, na verdade, se há penas invisíveis, por que não há de haver também gostos e consolações secretas? Há-os sem dúvida. O homem justo está contente na adversidade; é ditoso em meio às maiores desgraças; porque a fé o sustenta, a esperança o consola e a caridade o anima. Sustenta-o a fé com a consideração de um Deus expirando numa cruz. Ela lhe ensina que não pode ser predestinado se não é semelhante a Cristo crucificado. Se o homem não se sente com bastante valor para aspirar a esta semelhança, nas adversidades e pelas adversidades reconhece que o próprio Deus o ajuda a formar em si esta imagem do Crucificado por meio das aflições. Onde há consolação maior? Sustenta-o a fé com a consideração de um Deus justo. Sabe que é preciso satisfazer à sua justiça; e tem por grande dita que se lhe ofereça ocasião de resgatar com penas curtas e breves as excessivas em rigor e em duração que mereciam suas culpas.

Segundo ponto

Considera que não só concorre a fé para a consolação de um homem justo em suas adversidades; também lha suaviza a esperança, pondo-lhe diante dos olhos uma bem-aventurança plena, segura e muito próxima. Diga-se o que se quiser: a prosperidade da terra faz perder de vista o céu; e, se alguma vez ele vem à memória, nunca é sem alguma perturbação. Mas, quando as adversidades desterraram do coração todos os atrativos da vida; quando alguém se vê desgraçado neste mundo; quando lhe coube um estado obscuro e abatido; quando as criaturas nos esquecem; então facilmente esquecemos nós as criaturas, para lembrar-nos unicamente do Criador e pôr nele toda a nossa confiança. Nisto consiste nosso verdadeiro repouso e nossa felicidade. As cruzes são pesadas, causam horror a um mundano; mas a um homem justo enchem de dulcíssima consolação; seus frutos são para ele de requintada suavidade. Esta é a origem daquela inalterável tranquilidade, daquela pura alegria que se admira em todos os santos. Nenhum houve que não vivesse cravado na cruz; nenhum cuja vida não fosse uma cadeia de aflições; poucos que não a passassem consumidos de enfermidades. Quantos se viram viver entre agudíssimas dores, menosprezados, escarnecidos, humilhados e fartos de opróbrios? Mas houve jamais um só que se considerasse desgraçado por viver num estado abatido e doloroso? Certamente nem um só houve que ainda não desejasse padecer mais. Oh, quão verdade é que Deus possui o segredo de adoçar as adversidades e de fazer que se experimente uma requintada consolação nas mais amargas aflições! *Gustate, et videte*, diz o Profeta: «Provai, e vede»; não diz «vede, e provai»: se se começa pela vista, as cruzes são objeto desagradável; mas começa pelo gosto, faze a ditosa experiência das adversidades padecidas por amor de Jesus Cristo e depois olha quanto quiseres seu exterior desagradável. *Gustate, et videte.* Mais crédito se dá ao gosto que aos olhos. Enfim, a caridade

anima o homem justo em seus trabalhos. Quem ama a Deus sofre de boa vontade por seu amor; quem ama a Jesus Cristo deseja parecer-se com ele: estas utilidades nos trazem os contratempos; e quem as conhece admite-os como favores.

Ah, Senhor, quão pouco conheci até aqui o preço das cruzes e dos trabalhos, pelo pouco que vos amei até aqui! Fazei, meu Deus, que eu vos ame, e então serão minhas delícias as cruzes e as adversidades.

Jaculatórias

> *Hæc mihi sit consolatio, ut affligens me dolore, non parcat.* Jó 6.

Senhor, toda a minha consolação daqui em diante será que me aflijas neste mundo com trabalhos e que não me perdoes nele.

> *Mihi absit gloriari nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi.* Gl 6.

Não permita Deus que eu me glorie senão na cruz de meu Senhor Jesus Cristo.

Propósitos

1. A prosperidade embriaga e deslumbra; por isso está exposta a mil tropeços e quedas. As adversidades podem ser muito úteis aos fiéis, se sabem aproveitar-se delas. «*Flagella Domini, quibus quasi servi corripimur*, dizia a discreta e virtuosa Judite ao povo de Betúlia, *ad emendationem, et non ad perditionem nostram evenisse credamus.*» Os açoites que nos vêm da mão de Deus são avisos de um pai que nos quer corrigir, e não castigos de um juiz que pretende perder-nos. Não há meio mais eficaz que as desgraças para obrigar um pecador a converter-se e a mudar de vida; nenhum mais próprio para purgar as desordens passadas. Mas é muito de temer que se atenda mais ao peso do braço que à bondade de quem descarrega o golpe. Quando a amargura do remédio inquieta ou irrita o enfermo, mais lhe prejudica que lhe aproveita. Procura fazer conceito cabal e justo do que valem as cruzes e do que importam as adversidades. Corrige as prevenções que o amor-próprio inspira contra elas e acostuma-te a falar dos trabalhos como cristão, isto é, como verdadeiro discípulo de Cristo crucificado. Sempre que se ofereça ocasião, e especialmente quando se leiam as vidas dos santos diante da família, tem cuidado de fazê-la observar que todos os santos foram afligidos enquanto viveram e que todos se tinham por felizes em meio às aflições. Se desde logo se procurasse imbuir as crianças deste conceito das adversidades, tirar-se-ia bom proveito.

2. Se te sucede algum trabalho, volta imediatamente os olhos para a mão de onde te vem o açoite e para o coração de quem amorosamente te castiga: «*Bonum mihi quia humiliasti me*», dizia Davi. Recebo, Senhor, esta adversidade como favor que me fazeis; conheço quanto me convém que me tenhais humilhado, pois com a prosperidade me teria perdido. A abundância fomentava minhas paixões; o subido odor das flores me transtornava a cabeça, e a elevação dos cargos a desvanecia. Quem anda pelo vale não teme o precipício do cume. Na hora da morte nenhuma coisa consola tanto como aqueles contratempos que serviram para que o coração se desprendesse da terra; que razão haverá para que não nos consolem também em meio à vida? Aspira àquela grandeza de alma, tão própria de um cristão, de não te mostrares triste nem desalentado quando alguma coisa te aflige, impondo-te como que uma lei de conservar-te alegre, afável e sereno, apesar do tumulto que quer excitar dentro do coração o amor-próprio. Com pouca violência que te faças por um motivo verdadeiramente cristão, infalivelmente experimentarás as consolações com que Deus regala seus servos no mais amargo das aflições.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:17 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:17 by Admin